



ARTIGO

A TRADUÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA: ASPECTOS CULTURAIS E IMPLICAÇÕES PARA A APRENDIZAGEM E O ENSINO

Maria Elizete Pereira dos Anjos

Universidade Estadual de Goiás

ellyanjos@yahoo.com.br

Ariovaldo Lopes Pereira

Universidade Estadual de Goiás

arylopes_br@yahoo.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v1i2>

RESUMO: O presente artigo, que tem por base construtos teóricos de Newmark (1987), Duff (1989), Campos (1986), Chesterman (1997), Bassnett (1999), Hatje-Faggion (2001), entre outros, objetiva identificar estratégias de tradução utilizadas em sala de aula de formação de professores de língua inglesa, no tratamento de questões culturais emergidas de expressões idiomáticas constantes de textos em língua inglesa, e as implicações desse processo para a aprendizagem dos acadêmicos e para o ensino de língua inglesa (LI) na futura atividade docente. Certificamos que a perspectiva intercultural no trabalho pedagógico com tradução, no ensino-aprendizagem de língua inglesa, foi considerada profícua neste estudo, considerada pelos sujeitos da pesquisa como atividade que transporta visões multi e interculturais. A tradução, nesse sentido, passa de atividade que protege os significados do texto original à condição de produtora de significados acordados com as vivências do leitor, do tradutor e dos contextos socioculturais em que as obras foram traduzidas.

Palavras-chave: *Tradução, cultura, língua inglesa, ensino e aprendizagem.*

ABSTRACT: This article is based on the theoretical constructs of Newmark (1987), Duff (1989), Campos (1986), Chesterman (1997), Bassnett (1999) and Hatje-Faggion (2001). It aims to identify the translation strategy used in English teacher training programs regarding the treatment of cultural issues related to idioms. The implication of this process for English teacher education and their future is also discussed. This study seems to confirm that the cultural gain in regard to teaching and learning was positive. The participants in the study reported that this activity carries multi and intercultural visions. Translation, in this sense, ceases to be an activity that protects the meaning of the original text and begins to assume the condition of producer of meanings agreed with the experience of reader, the translator and the sociocultural contexts in which the works were translated.

Key-words: *Translation, culture, English language, teaching and learning.*



Introdução

A presente pesquisa foi desenvolvida no curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Posse – GO, e envolveu professores de inglês em formação do terceiro ano do curso supramencionado.

Foi analisado o processo de tradução empreendido pelos sujeitos pesquisados, com ênfase na questão cultural expressa na tradução de expressões idiomáticas (*idioms*), que se constituem em termos e frases com forte componente cultural em função de seu uso em contextos socioculturais específicos do ambiente em que a língua-fonte, ou língua de partida, é falada. Assim, neste artigo, expomos as estratégias de tradução e as percepções dos sujeitos de nossa investigação no ato tradutório de expressões idiomáticas que aparecem em textos de língua inglesa previamente selecionados, correspondente ao nível de conhecimento linguístico desses alunos, futuros professores de Inglês como língua estrangeira.

É importante ressaltar que questões culturais presentes nos textos em língua inglesa normalmente não são consideradas por professores e estudantes no momento da tradução. Em geral, dá-se mais ênfase aos aspectos linguísticos. O processo de traduzir não é visto como uma prática que cria ligações, que estabelece vínculos entre as pessoas, que gera interfaces. Com isso, o texto traduzido não abarca as condições socioculturais em que foi produzido, gerando traduções artificiais e sujeitas a desvios e enganos linguísticos. Essa postura colabora para uma formação fragilizada do futuro professor de inglês que irá atuar na educação básica.

Diante do exposto, nossa pesquisa se desenvolveu em consonância com o objetivo principal de identificar como se dá o processo de tradução em sala de aula de formação de professores de língua inglesa, no tratamento de questões culturais emergidas de expressões idiomáticas constantes de textos em língua inglesa a serem traduzidos para o português. De acordo com esse objetivo central, buscou-se, também, analisar as implicações desse processo para a aprendizagem dos acadêmicos, assim como o ensino de língua inglesa (LI), nesse contexto e na futura atividade docente dos sujeitos pesquisados, e a maneira que esses sujeitos veem sua própria atuação no processo tradutório, por meio das percepções emitidas por eles sobre essa atividade.



Tradução, língua e cultura

A noção que subjaz este estudo é a compreensão da tradução interlingual e sua interdiscursividade com língua e cultura. No processo de construção do referencial teórico, inicialmente foram resenhados alguns autores que tratam da dialética entre tradução e cultura.

Por se tratar de uma condição tão cristalina, Fantini (2001) adotou o termo “linguacultura” para representar essa relação entre língua e cultura, considerando a linguagem como uma profunda manifestação da cultura e do conjunto de valores que as pessoas transportam. Essa relação exerce, portanto, função essencial no modo como as pessoas usam a língua materna e como aprendem e transitam por uma língua estrangeira (LE). A tradução interlingual (de uma língua para outra) é abordada no contexto de ensino de língua estrangeira, nosso campo de investigação, considerando as nuances culturais presentes no ato de traduzir e as implicações desses aspectos no processo tradutório.

Ancorados nessas premissas, tratar de questões interculturais no trabalho com tradução e ensino-aprendizagem de língua inglesa (LI) torna-se um imperativo, dentro e fora do contexto escolar, conforme advogam autoras como SANTOS E ALVAREZ (2010, p. 8):

Poucos refutariam a importância de se chamar a atenção para a íntima relação entre língua e cultura, tanto fora quanto dentro da sala de aula, em especial no que diz respeito a línguas que assumem a condição de idiomas de comunicação internacional.

Ademais, ao conceber o ensino de LI como um conjunto de ações engajadas social, cultural e politicamente, e o indivíduo como atuante e crítico (MENDES, 2002) e inserido em contextos sociais, históricos e políticos específicos, torna-se pertinente a reflexão acerca do que significa cultura, ensinar língua como cultura e, sobretudo, sobre a escolha da interculturalidade como modo privilegiado de promover reflexões que colaborem com a elaboração de novas perspectivas para se ensinar e aprender LI.

O termo cultura e o seu conceito são amplamente difundidos por diversos campos acadêmicos. Bell-Santos, Roscoe-Bessa, Hatje-Faggion e Sousa (2011)



afirmam que se pode pensar em cultura como aquilo que foi e continua sendo desenvolvido por pessoas para comunicarem entre si, sobre seu contexto de vida e mundo. Cultura vista sob essa perspectiva incluiria diversos aspectos, como conhecimento, linguagem, modos de produção, obras literárias, culinária, modos de interação interpessoal, produtos, crenças, atitudes, sistemas econômicos e jurídicos, percepções, instituições religiosas, tradições, costumes, juntamente com a maneira pela qual se expressa sobre eles.

Katan (2004) advoga em favor da conscientização do papel desempenhado pela cultura no processo de tradução, ao afirmar que “a conscientização do papel da cultura é necessária para construção, percepção e tradução da realidade” (p.1). Trata-se de uma reescrita de uma língua em uma cultura e contexto específicos para outra língua em outra cultura e contexto específicos. (LEFEVERE, 2007). A reescrita que o ato pressupõe ganha sentido a partir da interatividade sociodiscursiva entre autor, texto e leitor.

Newmark (1987, p. 94) define cultura como “as formas de vida e as manifestações que são peculiares a uma determinada comunidade que utiliza uma determinada língua como forma de expressão” (tradução nossa)¹.

Assim compreendida, a cultura se apresenta como parte integral do aprendizado de uma língua, porém a abordagem em relação à cultura deve tornar-se multifacetada, levar em consideração as diversas culturas das diferentes comunidades linguísticas ao redor do mundo. Isso quer dizer que “não há fórmula única de se trabalhar cultura na sala de aula” (WARSCHAUER, 2000, p. 514).

Da mesma forma, o termo e o conceito de tradução apresentam diferentes abordagens no entendimento de diferentes autores. Jakobson (2000, p. 114), por exemplo, classifica a tradução em três diferentes níveis assim definidos:

1.Tradução intralingual ou “reformulação” é uma interpretação de signos verbais por meio de outros sinais na mesma língua. 2.Tradução interligual ou tradução apropriada é uma interpretação de signos verbais por meio de equivalentes na outra língua. 3.Tradução intersemiótica ou

¹ Original: The way of life and its manifestations that are peculiar to a community that uses a particular language as its means of expression.



transmutação é uma interpretação de signos verbais por meio de sinais de sistemas de signos não-verbais. (Tradução nossa).²

Duff (1989) trata dos aspectos polêmicos que envolvem o trabalho pedagógico com tradução interlingual de textos no processo ensino aprendizagem de língua estrangeira, vista como atividade mecânica e desprovida de sentidos para os aprendizes.

A tradução há muito padeceu como um parente pobre na Família de técnicas de ensino de línguas. Foi diminuída como "pouco comunicativa", "chata", "inútil", "difícil", "irrelevante", ou algo que o valha, e conviveu com uma associação muito próxima à sua prima, a Gramática. Junto com seus outros primos tradicionais, a Literatura, o Ditado, o Vocabulário, a Leitura em voz alta, etc., tem sido impelida para o campo do entulho metodológico. (Tradução nossa)³.

Os reflexos desse pensamento corroboram para que práticas de tradução intercultural sejam utilizadas de forma irrefletida ou até mesmo banidas dos contextos formais de ensino-aprendizagem de LE, por não considerar os aspectos culturais que a abarcam. Por outro lado, Gorovitz (2011, p.13), em seu artigo intitulado "A tradução enquanto situação de passagem", advoga que "o ato tradutório não pode ser apreendido exclusivamente em termos de transmissão de mensagem. Ele também não se define como uma atividade de cunho exclusivamente estético, ainda que possa estar estreitamente vinculado à prática literária".

A tradução, do grego *traductio*, significa passar de um estado para o outro. Dessa forma, promove uma condição de interação, podendo, no entendimento de Gorovitz (2011), ser compreendida como situação de passagem entre culturas e realidades, entre línguas, autores, obras e leitores.

² Original: 1. Intralingual translation or **rewording** is an interpretation of verbal signs by means of other signs of the same language. 2. Interlingual translation or **translation proper** is an interpretation of verbal signs by means of some other language. 3. Intersemiotic translation or transmutation is an interpretation of verbal signs by means of signs of nonverbal sign systems.

³ Original: Translation has long languished as a poor relation in the Family of language teaching techniques. It has been denigrated as "uncommunicative", "boring", "pointless", "difficult", "irrelevant", and the like, and has suffered from too close an association with its cousin, Grammar. Along with its other traditional cousins Literature, Dictation, Vocabulary, Reading Aloud, etc., it has been pushed into the methodological lumber room.



Estudos como os que aqui referimos denotam que é relevante abordar tradução e aspectos culturais no contexto de ensino de LI, a partir das manifestações de cultura presentes em manuais de ensino e das estratégias utilizadas pelos docentes para lidar com questões interculturais na sala de aula de LI.

De acordo com Campos (1986), a tradução não se limita apenas à transposição linguística de uma língua para a outra; envolve a bagagem cultural de uma língua, ou seja, traduz uma cultura para a outra.

Ao considerar o elemento cultural no processo tradutório, evidencia-se o fato de que traduzir um texto não significa apenas a busca de equivalentes linguísticos, a transferência irrefletida de estruturas lexicais e de estruturação morfossintática; significa um processo de passagem, de comparação entre as duas línguas. Isso significa considerar o contexto e os cenários em que os dois textos foram produzidos.

Ao traduzir um texto, é preciso fazer interpretação, análise e comparação entre a cultura do texto de chegada e a do texto de partida, fazendo que o texto traduzido reflita as diferenças e semelhanças socioculturais impregnadas na língua, que vai além da transposição linguística.

Tradução em contextos de formação acadêmica de professores de língua estrangeira

No que se refere ao uso da tradução como ferramenta pedagógica em contextos de formação de professores de línguas estrangeiras, alude-se que esta pode contribuir para a construção de aprendizagens crítico-reflexivas, por permitir o contato com aspectos linguísticos e culturais, conforme já explicitado. Nesta direção, Rodrigues (2000, p. 25-32) discute a tradução como forma de exercício, ou seja, tradução como habilidade a serviço da comparação linguística entre as duas línguas e da construção de conhecimento metalinguístico. O autor salienta que, ao fazer exercícios tradutórios, especialmente em trabalho em grupos, de forma dialogada, reflexiva e colaborativa, aos aprendizes é dada a oportunidade de refletir sobre como acontece a própria aprendizagem, comparando constantemente as próprias hipóteses com aquelas levantadas pelos colegas.



Da mesma forma, Peixoto (2016, p 41-42) assevera que

a colaboração no ensino de línguas é mais do que uma cooperação. Ela pressupõe todo o processo de aprendizagem, e isso pode incluir os educandos que compartilham conhecimentos, alunos que colaboram e ensinam ao professor e, logicamente, também, o professor que ensina aos estudantes. O mais importante é que os educandos se responsabilizem pela criação de um ambiente colaborativo e interacional de trocas de saberes e criação de responsabilidades, e para se alcançarem os objetivos propostos, é necessário que os aprendizes tenham se auxiliado na busca pelo conhecimento.

Nesse sentido, atividades que envolvem tradução em contextos de formação de professores de língua estrangeira devem ser vistas como práticas que criam ligações, que estabelecem vínculos entre as pessoas, que geram interfaces. Contudo, é preciso ponderar que essa prática de uso tradutório deve ser conduzida de forma que a “letra abarque as particularidades e o diálogo das individualidades criadoras do espírito” (OUSTINOFF, 2001 p.55).

Ademais, a atividade tradutória se revela como um ato cultural e, sobretudo, didático, conforme assegura Peixoto (2016, p. 23):

Vemos que o aprendiz, além de aprender os conhecimentos de uma nova língua, tem a oportunidade também de conhecer a realidade em que se dão as relações sociais, nos variados contextos em que as línguas estrangeiras são faladas. Tais questões resultam da própria experiência de cada um dos envolvidos no processo educativo e da atitude de debruçar-se criticamente sobre o fazer humano, em que pela língua(gem), pode-se desvendar novos processos de indagação e problematização do mundo, face às novas formas de conhecimento e às novas perspectivas de participação.

Apesar de, no atual cenário acadêmico, ainda existir uma tendência para a tradução literal, o que se comprova pelo fato de que os dicionários impressos ou virtuais são os instrumentos mais utilizados pelos aprendizes para tradução de textos, os estudos de tradução têm ganhado nova roupagem, e a preocupação especial com os aspectos linguísticos vem sendo substituída por questões de ordem intercultural. Isso acontece a partir do entendimento de que “a tradução não acontece no vácuo, mas em um contínuo; ela não é um ato isolado, mas parte de um processo de transferência intercultural”. (BASSNETT, 1999, p. 21).



Metodologia

A presente pesquisa se insere nos estudos da Linguística Aplicada e se desenvolveu a partir de métodos qualitativos/interpretativistas, considerados os mais adequados para a natureza do estudo que se desenvolveu. A pesquisa pretendeu contribuir para reflexões por parte dos envolvidos, pesquisadores e sujeitos da pesquisa, acerca da interdependência entre tradução e cultura no contexto de formação de futuros professores de língua inglesa e para o desenvolvimento de um ensino de LI que colabore com a formação de sujeitos críticos, reflexivos, interventivos e conscientes de seus papéis na sociedade multi e pluricultural em que estão inseridos. A pesquisa se desenvolveu em duas etapas.

A primeira etapa consistiu-se em revisão bibliográfica acerca da relação entre cultura e tradução, apresentando parte dos autores e obras existentes na literatura. A revisão de literatura foi de fundamental importância porque forneceu elementos para evitar a reprodução de pesquisas com a mesma abordagem e favoreceu a definição de contornos mais precisos do problema estudado. A atitude de “relacionar as descobertas feitas durante o estudo com o que já existe na literatura é fundamental para que se possam tomar decisões mais seguras sobre as direções em que vale a pena o esforço e as atenções” (LUDKE; ANDRÉ, 1986 p. 47).

Assim, essa primeira etapa teve caráter documental e interpretativista, pois consistiu no levantamento de aspectos culturais presentes nos textos a serem trabalhados nas aulas observadas, especificamente em uma turma de 3ª série⁴ do curso de Letras da UEG Campus Posse - GO, na disciplina de Língua Inglesa III. Foram selecionados textos que apresentassem em seus conteúdos aspectos da cultura na qual foram produzidos, o que permitiu o desenvolvimento de um trabalho de análise desses aspectos no processo ensino-aprendizagem de língua inglesa no contexto onde se deu a pesquisa.

Especificamente para esta pesquisa utilizamos quatro textos: dois diários e dois textos de cunho científico e histórico. Os diários foram extraídos do livro *Dear Diary - Stage 2, A Collection of the Best World's Diaries*, editado por Liz Ferreti. Os

⁴ No âmbito do curso de Letras da UEG, Campus Posse, a grade curricular é anual, por isso utilizamos “3ª série”, em vez de 5º ou 6º período, como nos contextos em que a grade é semestral.



textos científicos foram oriundos do livro *World English*, da *National Geographic*, da editora *Cengage Learning*

Os gêneros textuais escolhidos para realização da atividade de tradução coletiva foram adequados ao nível de inglês demonstrado pela turma, caracterizado como intermediário, e constituíram oportunidade de compreensão da língua inglesa em contextos de uso informal (nos diários) e formal (nos textos científicos).

A seguir, apresentamos um quadro com os dados dos textos analisados.

Quadro 1

Datas	Texto trabalhado	Fonte
16-03-2016	<i>Anne Frank's Diary</i>	<i>Dear Diary - Stage 2, A Collection of the Best World's Diaries</i> George Orwell and Kurt Cobain London, 2004
23-03-2016	<i>Charles Darwin's Diary</i>	<i>Dear Diary - Stage 2, A Collection of the Best World's Diaries</i> George Orwell and Kurt Cobain London, 2004
30-03-2016	<i>The tiny invaders</i>	<i>Word English 2 Second Edition, National Geographic.</i> Rebecca Tarver Chase e Martin Milner Cengage Learning Boston, 2005
13-04-2016	<i>The Lord of the Mongols</i>	<i>Word English 2 Second Edition, National Geographic.</i> Rebecca Tarver Chase e Martin Milner Cengage Learning Boston, 2005

Origem dos textos trabalhados

A segunda etapa constituiu-se de pesquisa de campo de caráter interpretativista de cunho qualitativo para coleta, interpretação e análise de dados gerados empiricamente. Para isso, foram observadas e gravadas, em áudio e vídeo, aulas da disciplina de Língua Inglesa III, da 3ª série do curso de licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG) Campus Posse - GO. A observação foi feita com o objetivo de analisar as estratégias adotadas pelos alunos acerca dos aspectos culturais de países anglofalantes no processo de tradução de textos originais e, posteriormente, avaliar as implicações dessas estratégias na prática pedagógica de LI.



Antes de darmos início à atividade, conversamos com os alunos sobre a pesquisa que seria realizada durante as aulas. Expusemos os objetivos, bem como a relevância da investigação no que se refere ao desenvolvimento de reflexões que culminem em práticas pedagógicas a partir do uso da tradução em sala de aula de língua inglesa, e mais especificamente na formação de futuros professores de inglês.

Um aspecto particularmente positivo na pesquisa qualitativa nos contextos de formação de professores é que a investigação realizada pelo professor e pelo aluno estimula em ambos a criatividade e reflexividade sobre o processo. Envolvidos na pesquisa, professor e aluno têm a oportunidade de conscientizar-se das necessidades e expectativas que trazem para a sala de aula e da forma como as relações intersubjetivas atuam sobre o processo de ensinar e aprender (DARIM, 1997).

As atividades de tradução ocorreram durante quatro aulas de uma hora e quarenta minutos cada, ministradas de forma geminada, resultando em oito aulas de cinquenta minutos. Em cada aula foi trabalhado um texto distinto, definido pela professora da turma juntamente com esta pesquisadora.

Coleta de dados

Conforme já exposto, optamos por observar aulas da disciplina de Língua Inglesa III numa sala do terceiro ano do curso licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Goiás, Campus Posse - GO, com o objetivo de compreender as escolhas das estratégias tradutórias adotadas pelos estudantes no momento da tradução de aspectos culturais presentes em textos originais em língua inglesa. Aspiramos, com isso, a alavancar dados descritivos, obtidos no contato próximo com o pesquisador, o contexto e os sujeitos da pesquisa em práticas colaborativas de aprendizagem.

Para tanto, foi enfatizado o processo em detrimento do produto e preocupou-se mais em retratar perspectivas e percepções dos participantes, ou seja, a dinâmica do ensino e aprendizagem de inglês como língua estrangeira, em face à tradução.

Em conversa com a professora da turma, discutimos questões relacionadas ao trabalho com tradução no ensino e aprendizagem de inglês e o impacto das



mesmas na formação do futuro professor de língua estrangeira. Na mesma ocasião, estabelecemos detalhadamente a dinâmica das atividades de tradução que seriam realizadas pela professora da turma durante as aulas com tradução coletiva e dialogada de textos. Para isso, seriam utilizadas estratégias de compreensão escrita, como o apoio em palavras cognatas; aspectos não-verbais; identificação da ideia principal (*skimming*); identificação de informações específicas (*scanning*); uso do dicionário; recursos extra-textuais; identificação do gênero; inferência; conhecimento prévio, entre outros.

Vale destacar que não foi planejada nenhuma ação para influenciar os alunos na utilização de determinada estratégia de tradução, preservando, assim, um dos postulados da pesquisa qualitativa, que não permite que o pesquisador interfira intencionalmente nos dados coletados.

Destacamos, ainda, que a atividade teria caráter colaborativo. Assim, decidimos que a turma de dezenove alunos seria dividida em grupos de três participantes com o intuito de promover maior interação, colaboração e proximidade entre os pares.

Na primeira aula, o trabalho se deu com a leitura e a tradução do texto *Anne Frank's diary*, extraído do livro *Dear Diary- Stage 2, A Collection of the Best World's Diaries*, editado por Liz Ferreti (Apêndice A). O trecho do diário relata a fuga de Anne Frank, uma adolescente alemã de origem judaica, juntamente com sua família, vítimas do holocausto durante a Segunda Guerra Mundial, para o esconderijo.

Para facilitar o trabalho de tradução, a professora procurou ativar o conhecimento prévio que os alunos tinham acerca da personagem Anne Frank, que se tornou uma das figuras mais conhecidas do século XX após a publicação do "Diário de Anne Frank" (1947), que tem sido base para várias peças de teatro e filmes ao longo dos anos. A atividade possibilitou, entre outras competências, a compreensão dos cognatos (*true friends*), o uso do passado simples (*simple past tense*) e reconhecimento de questões culturais e de interdisciplinaridade.

Na segunda aula, foi trabalhado o texto *Charles Darwin diary*, extraído do mesmo livro supramencionado. Neste diário, Charles Darwin relata as aventuras de suas viagens marinhas duas décadas antes de publicar "A Origem das Espécies", um



dos livros científicos mais amplamente conhecidos. Nessa parte do diário, o cientista embarca no H.M.S. Beagle⁵ para uma viagem de cinco anos pelo hemisfério sul.

A professora utilizou algumas estratégias de compreensão escrita, como ativamento dos conhecimentos prévios, identificação dos cognatos (*true friends*) e exploração da linguagem não verbal, o que facilitou a tradução-compreensão do texto pelos alunos.

Para a terceira aula, o propósito era trabalhar o texto científico intitulado *The tiny invaders*, retirado do livro *World English 2 - National Geographic Learning*. O texto em questão trata da função dos vírus e bactérias no corpo humano. A professora adotou estratégias de compreensão escrita de textos em língua estrangeira, como nos textos anteriores, conduzindo os alunos a maior compreensão da leitura e melhor tradução dos períodos.

Durante a quarta aula, a professora procedeu, juntamente com os estudantes, à tradução coletiva do texto histórico *The Lord of the Mongols*, extraído do mesmo livro do texto da aula anterior. O texto trata da trajetória da tribo de mongóis para destruir o Império Jin (China) que, por muitos séculos, impedia o crescimento das tribos mongóis.

A professora explorou os conhecimentos prévios dos alunos acerca do vocabulário em LE, informações culturais, históricas e estrutura gramatical por meio de questionamentos sobre as informações contidas no texto. Fez um breve relato da história dos Mongóis, explorou as informações não verbais presentes no texto, solicitou aos alunos leitura silenciosa e, em seguida, pediu que compartilhassem com os colegas as informações que haviam conseguido apreender por meio da leitura silenciosa. Na sequência, o texto foi retomado pela professora para iniciar a tradução coletiva e dialogada.

⁵ Embarcação à vela que, a serviço da Marinha Real Britânica, empreendeu três viagens de exploração, incluindo uma viagem de circum-navegação com o objetivo de explorar terras e mares por Charles Darwin.



Análise dos dados

Destacamos algumas estratégias utilizadas pelos sujeitos da pesquisa em relação à tradução de aspectos culturais de expressões idiomáticas (*idioms*) presentes nos textos trabalhados nas aulas observadas, tendo em vista o alcance dos objetivos acima explicitados.

Assim, apresentamos a seguir, excertos recortados das transcrições das aulas observadas, os quais descrevem o processo tradutório de expressões idiomáticas. Os trechos sublinhados indicam ocorrência de estratégias de tradução utilizadas pelos alunos. Nas transcrições adotamos as seguintes siglas:

Quadro 2

OCORRÊNCIA	SINAL
Pausa / hesitação	...
Supressão de trecho da transcrição original	(...)
Comentários do Pesquisador	()
Letra maiúscula seguida de ponto (ex.: L.)	Inicial do nome próprio de participante da aula
Pa	Professora
As	Mais de um aluno ou aluna
Aa	Aluna
Ao	Aluno

Convenções para transcrição

Fragmento da sequência: *I am surprised to find that I still believe people are good at heart.*

(Período 3, da aula 1, extraído do texto: *Anne Frank's Diary*).

Tradução inicial dos alunos: Estou surpresa de encontrar que ainda acredito nas pessoas de bom coração

(Os alunos discutem o resultado do período traduzido e fazem nova tentativa).

Trad.: Estou surpresa em descobrir que ainda acredito em pessoas de bom coração.

(Mas decidem pela seguinte versão):

Trad.: Fico surpresa em descobrir que ainda posso acreditar em pessoas bondosas.

Na primeira ocorrência os alunos optam por estratégia de tradução literal, que, segundo Andrew Chesterman (1997), trata-se de tradução o mais próximo possível da língua de partida, porém o trecho traduzido não fica inteligível, o que leva os alunos a substituir o trecho por uma expressão mais adequada e que desse melhor sentido ao período traduzido. No segundo trecho, houve a ocorrência de “compressão”, quando os estudantes trocam a expressão “boas de coração” pelo



adjetivo “bondosas” ao traduzirem a expressão idiomática “*good at heart*”. Observa-se que, no processo tradutório, os alunos não encontram dificuldade para compreender essa expressão idiomática específica, visto já terem conhecimento do sentido que ela expressa.

Fragmento da sequência: *Charles Darwin was an English scientist who said that all life changes over time.*
(Período 1, da aula 2, extraído do texto: *Charles Darwin Diary*).

Em um primeiro momento os alunos, divididos em grupos de três, conversam entre si e optam pela seguinte tradução:

Tradução inicial dos alunos: Charles Darwin foi um cientista que disse que toda vida muda sobre o tempo.
Ao.: “Sobre o tempo” ficou sem sentido.
W.: Sim... “com o tempo” acho que seria mais adequado.
Ao.: Ótimo. Agora ficou ótimo: “ao longo do tempo”.
(Trecho das interações da Aula 2: *Charles Darwin Diary*)
Tradução final dos alunos: Charles Darwin foi um cientista que disse que toda vida muda ao longo do tempo.
(Trechos das interações da aula 2: *Charles Darwin's Diary*)

O grupo que fez a primeira tradução concorda com a sugestão de W., porém um outro grupo prefere consultar o tradutor *online* para obter outras sugestões para o trecho “over time”, e descobrem que essa expressão pode ser traduzida como “ao longo do tempo”.

Após negociações e busca de subsídios externos, os alunos fazem uso da estratégia denominada filtro cultural, que, de acordo com a classificação de Chesterman (1997), consiste na naturalização, domesticação ou adaptação de itens da língua fonte traduzidos conforme os equivalentes culturais da língua de chegada.

Hatje-Faggion (2011, p. 73) ressalta que “ao depararem com palavras culturalmente marcadas, tradutores se encontram diante de dificuldade para lhes conferir um significado”, pois o modo como essas palavras podem ser traduzidas em outra língua pode depender de diversos fatores, incluindo a cultura, e características socioculturais do texto-fonte ou do texto traduzido. Lefevere (1992 *apud* HATJE-FAGGION, 2011 p. 74) enfatiza que “uma língua é a expressão cultural de uma cultura, e por isso, muitas palavras de uma dada língua estão conectadas com essa



cultura, e, por isso, também criam muita dificuldade quando precisam ser transferidas em sua totalidade para outra língua”.

Diante da dificuldade encontrada, os alunos utilizam o dicionário *online*, configurando o uso de outra estratégia enfatizada por Pagano, Alves e Magalhães (2014, p. 55), intitulada “busca de subsídios externos”. Para esses autores,

A busca de subsídios externos, como a consulta a textos paralelos, o uso do dicionário, da internet como grande banco de informações e a utilização de recursos computadorizados são algumas das ações que os estudantes podem efetuar quando se deparam com um problema de tradução para o qual não se encontra resolução rápida e acertada.

O surgimento de uma expressão idiomática (*idiom*) no texto da língua de partida criou uma situação-problema que levou os estudantes à interação, a negociações de tradução de forma colaborativa e cooperativa para que chegassem a decisões de traduções mais adequadas por meio da busca de equivalentes no texto alvo, o que corrobora o pensamento de Chesterman (1997), Pagano, Alves e Magalhães (2014), Oxford (1996), Cohen (1998), Weinstein e Mayer (1986), Tarone (1997), Rubin (1987) e Alvarez e Lopes (2016), quando defendem que estratégias são meios, pensamentos, ações planejadas ou não, que os tradutores profissionais e aprendizes utilizam para resolver um determinado problema de tradução.

Com o intuito de compreender as percepções dos sujeitos da pesquisa acerca das estratégias utilizada no processo tradutório em sala de aula de língua inglesa, realizamos uma roda de conversa com os estudantes a fim de colher informações que nos auxiliassem na compreensão deste aspecto do processo tradutório.

Os estudos de Donato e McCormick (1994), retomados por Conceição (2016), mostram que a aprendizagem não passa apenas pelo processo cognitivo, mas também pela interação com o Outro, nos eventos de socialização. Interferem neste processo os aspectos culturais, sociais e afetivos. Desta forma, pode-se destacar que as estratégias de aprendizagem de uma língua estrangeira face à tradução, adotadas de forma colaborativa, contribuem para que os aprendizes vençam os obstáculos dentro da própria aprendizagem de forma tal que eles administrem as opções que podem conduzi-los a um aprimoramento deste processo.



As formas mediadoras relacionam-se aos modos como o aprendiz chega a uma aprendizagem e como ele realiza o processo de aprender. De acordo com Conceição (2016, p. 135), “o aprendiz seleciona, dentro do que lhe é apresentado, o que se adequa às suas necessidades”. O aprendiz é um mediador entre a oferta de aprendizagem circundada pelos fatores que a permeiam e a sua “caixa preta”.

Visto desta forma, as estratégias adotadas pelos aprendizes para tradução de textos não são apenas planos, mas também ações. São comportamentos e ações (OXFORD, 1990), pois se realizam “através do aprendiz desde o planejamento, a execução e a obtenção dos resultados” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 135).

Vejamos, a seguir, alguns trechos os quais descrevem as percepções dos sujeitos da pesquisa acerca das estratégias por eles utilizadas no processo tradutório nas aulas de língua inglesa.

L.: Eu não sabia que a gente estava fazendo isso tudo aí... mas eu fico feliz porque vejo que diante de um texto em inglês a gente é capaz de entender, utilizando aquilo que a gente já sabe, o conhecimento de mundo, né?

W.: Isso demonstra que o conhecimento que a gente adquiriu ao longo da vida serve para compreender e traduzir um texto em inglês, como foi o caso daquele lá da Anne Frank. Muita coisa a gente traduziu rápido porque já sabia da história dela.

F.: Eu acho que como a senhora falou, nós traduzimos com mais entendimento, segurança e criticidade, não traduzimos ao pé da letra, porque tem coisa que não dá mesmo para ser ao pé da letra, aí entra a bagagem da gente... o meio cultural e... o vocabulário que a gente tem...

A.: Isso é bom porque traduzir... muita gente pensa que é um espelho, que o que se vê num texto deve ser visto no outro, mas é preciso fazer adaptações, mas para isso tem que ter conhecimento do inglês, do português e também de outras coisas... conhecimento de mundo mesmo, da cultura do outro.

(Trechos da roda de conversa realizada com os alunos participantes da pesquisa).

Arrojo (1996, p. 23) nos lembra que o texto, entendido como signo, “deixa de ser uma representação fiel de um objeto estável que possa existir fora do labirinto infinito da linguagem e passa a ser uma máquina de significados em potencial”. A metáfora do texto *palimpsesto*⁶ concebe o texto traduzido como “aquele que se apaga, em cada comunidade cultural e cada época” (ibid., p. 24), permitindo uma

⁶ Do grego: *palimpsestos* (raspado novamente), refere-se ao antigo material de escrita, principalmente o pergaminho usado, em razão de sua escassez ou alto preço, duas ou três vezes, mediante raspagem do texto anterior.



nova escritura, imbricada em interpretações, concepções, leituras e traduções do mesmo texto, volvidas, sobretudo, por influências socioculturais e sócio-históricas.

Vista desta forma, a tradução como atividade que transporta visões multi e interculturais passa de atividade que protege os significados do texto original à condição de produtora de significados acordados com as vivências do leitor, do tradutor e dos contextos socioculturais em que as obras foram lidas/traduzidas. Significa dizer que todo leitor ou tradutor ‘não controla’ o seu contato com o texto e com a realidade em que foi produzido.

Cleary (2008) e Romanelli (2006) argumentam que questões culturais sempre ocuparam lugar importante no ensino-aprendizagem de línguas, mas que nos últimos anos, o foco tem mudado para seus aspectos sociais e comportamentais, com ênfase na consciência cultural (*cultural awareness*) como fator primordial para a comunicação efetiva. Neste sentido a consciência cultural vai além da aprendizagem sobre povos ou culturas, abrangendo, sobretudo, a consciência sobre a bagagem cultural do próprio aprendiz e a do Outro, bem como o modo como essas influenciam seus comportamentos e formas de como interpretar, negociar e explicar a diversidade cultural para auxiliar na comunicação efetiva com pessoas de outras culturas.

A consciência da importância do elemento cultural em atividades de tradução é fortemente incorporada pelos participantes da pesquisa e pode ser vista em afirmações como:

A.: [...] muita gente pensa que é um espelho, que o que se vê num texto deve ser visto no outro, mas é preciso fazer adaptações, mas para isso tem que ter conhecimento do inglês, do português e também de outras coisas... conhecimento de mundo mesmo, da cultura do outro. [...] nós traduzimos com mais entendimento, segurança e criticidade, não traduzimos ao pé da letra, porque tem coisa que não dá mesmo para ser ao pé da letra, aí entra a bagagem da gente... o meio cultural e... o vocabulário que a gente tem...

Assim, é imperioso retomar as proposições de Barthes (1979), quando defende que, mesmo quando o tradutor se considera o “pai absoluto” da obra traduzida, ele será irremediavelmente o convidado do leitor, pois sua atuação e sua presença neste projeto dependerão sempre do papel que, explícita ou implicitamente, é outorgado pelo leitor da obra traduzida – papel influenciado por



aspectos interculturais e sócio-históricos inerentes aos sujeitos que lidam com a obra em movimento.

Outrossim, a perspectiva intercultural no trabalho pedagógico com tradução no ensino-aprendizagem de língua estrangeira permite a construção de diálogo entre pessoas pertencentes a diferentes culturas, promove a integração, pois colabora para que os aprendizes reflitam sobre sua própria cultura, tendo como referência a do outro e assim, pode contribuir para o desenvolvimento de bases sólidas para alargamento da convivência intercultural harmoniosa, respeitando os valores que cada um atribui a sua cultura, além de combater formas de discriminação e etnocentrismo.

Considerações finais

A utilização da tradução no ensino de língua inglesa, em cursos de licenciatura, foi considerada de grande relevância neste estudo, a partir da constatação da necessidade de se investigar como esta abordagem pode contribuir para o aprimoramento e a otimização do aprendizado do referido idioma, considerando que, mesmo em contextos de ensino universitário, não é raro observar que os alunos recorrem à língua materna para traduzir seus textos.

A influência na língua materna é, muitas vezes, avaliada como uma interferência negativa por professores de LE. Entretanto, ficou evidenciado, a partir da análise dos dados obtidos, que a relação que se estabelece entre língua estrangeira e materna no aprendizado de língua inglesa é profícua, podendo ser aplicada para apresentação de particularidades de ambas as línguas e, desta maneira, conduzir o aprendiz à percepção de que não há simetria total entre o texto-fonte e o texto de chegada.

Certificamos que o uso de estratégias em processos tradutórios colabora para que o tradutor-aprendiz se torne mais autônomo para avaliar o meio mais adequado quanto à seleção e ao gerenciamento de ações que melhor correspondam aos seus interesses de tradução e para alcançar formas de aquisição e utilização do conhecimento que sejam mais compatíveis com suas particularidades e estilos de aprendizagem (PAGANO, 2014).



Mesmo sem a percepção de que as negociações de tradução promovidas entre os grupos se configuravam uso de estratégias, este estudo revelou que a utilização destas auxilia os aprendizes de língua inglesa a constatar que podem percorrer diferentes caminhos para chegar a traduções mais inteligíveis e mais fluidas. Além disso, permite o enfrentamento de desafios sobre fatos e conhecimentos a respeito de suas necessidades, permitindo interagir de maneira crítica em relação ao conhecimento que adquiriram.

Consideramos que as contribuições deste estudo para o processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa foram igualmente evidenciadas nas habilidades de leitura e compreensão de textos de diferentes gêneros proporcionados durante as atividades tradutórias. Com a leitura/tradução/compreensão dos textos, de forma dialogada, reflexiva e colaborativa, os alunos tiveram suas competências linguísticas ampliadas. A colaboração entre os pares foi substancial nesse processo, pois contribuiu para que os tradutores-aprendizes pudessem trocar experiências, compartilhar conhecimentos e desenvolver a autoconfiança frente à aprendizagem de ILE.

A ideia de propagar o uso de estratégias no ensino-aprendizagem de língua inglesa em contextos de formação de futuros professores de inglês torna-se relevante a partir do entendimento de que este conhecimento socialmente construído alcançará os alunos do ensino básico e estes, por sua vez, chegarão à Universidade com melhor preparo para se tornarem usuários dessa língua. Ou seja, são contextos que se retroalimentam, em que um aluno mais bem preparado na Universidade para exercer suas futuras atividades docentes certamente formará, de mais maneira mais eficaz, o futuro acadêmico.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, M. L. O.; LOPES, G. R. Crenças em estratégias de aprendizagem de línguas (inglês) de alunos de cursos de letras. In: CONCEIÇÃO, M. P. **Letramentos, Crenças de Aprendizagem e Inclusão Social**. Campinas: Pontes, 2016.

ARROJO, R. O que efetivamente pode ensinar o professor de prática de tradução. In.: COSTA, L. A. (org.). **Limites da intraduzibilidade**. Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Salvador: EDUFBA, 1996.

AZENHA JÚNIOR, J. A tradução para a criança e para o jovem: a prática como base da reflexão e da relação profissional. **Revista Pandaemonium Germanicum** (USP), n. 9, 2005.

BARTHES, R. **Sistema da moda**. São Paulo: Edusp, 1979.

BASSNETT, S.; TRIVEDI, H. (eds.). **Post-colonial Translation: theory and practice**. London: Routledge, 1999.

BELL-SANTOS, C. A.; ROSCOE-BESSA, C. HATJE-FAGGION, V.; SOUSA, G. H. P. (org.) **Tradução e Cultura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

CAMPOS, G. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986

CHESTERMAN, A. Translation Strategies. In: _____ (org.). **Memes of Translation. The Spread of Ideas in Translation Theory**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1997.

CLEARY, M. **Culture in ELT**. New Routes, São Paulo, n.36, p. 32-33, set. 2008

COHEN, A. D. **Strategies in learning and using a second language**. Harlow, England: Longman, 1998.

CONCEIÇÃO, M. P. **Letramentos, crenças de aprendizagem de línguas e inclusão social**. Campinas: Pontes, 2016.

DARIM, L. C. M. **Pesquisa em sala de aula: a prática da tradução na prática**. Revista TradTerm, PUC- SP, 4(2) segundo semestre de 1997, p. 97-128.

DONATO, R.; MCCORMICK, D. A Sociocultural Perspective on Language Learning Strategies: The Role of Mediation. **The Modern Language Journal**, 1994.

DUFF, A. **Translation**. Oxford University Press, 1989

FANTINI, A. E. **Exploring intercultural competence: A construct proposal**. NCOLCTL Fourth Annual Conference. Vermont, USA: Brattleboro, 2001.

GOROVITZ, S. A tradução enquanto situação de passagem. In.: BELL-SANTOS, C. A.; ROSCOE-BESSA, C. HATJE-FAGGION, V.; SOUSA, G. H. P. (org.) **Tradução e Cultura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

HATJE-FAGGION, V. Tradutores em caminhos interculturais. In: BELL-SANTOS, C. A.; ROSCOE-BESSA, C. HATJE-FAGGION, V.; SOUSA, G. H. P. (org.) **Tradução e Cultura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation In: VENUTI, L. **The translation studies reader**. London: Routledge, 2000.



KATAN, D. **Translating cultures: an introduction for translators, interpreters, and mediator**. 2. ed. Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 2004.

LEVEFERE, A. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Bauru: Edusc, 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MENDES, E. Aprender a língua, aprendendo a cultura: uma proposta para o ensino e Português Língua estrangeira (PLE). In: CUNHA, M. J. C.; SANTOS, P. (org). **Tópicos em Português língua estrangeira**. 1. ed. Brasília: Editora UnB, 2002.

NEWMARK, P. **A textbook of translation**. New York: Prentice Hall, 1987.

OUSTINOFF, M. **Tradução: Histórias, teorias e métodos**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2011.

OXFORD, R. Language Learning Histories: Learners and Teachers Helping Each other Understand Learning Styles and Strategies. **TESOL Journal**, v.6 n.1 p. 20-23, Autumn 1996.

PAGANO, A. Estratégia de busca de externos: fontes textuais e recursos computacionais. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (org). **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. 4. Ed. São Paulo: Contexto: 2014.

PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (org). **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. 4. ed. São Paulo: Contexto: 2014.

PEIXOTO, S. M. **Tradução automática e revisão [manuscrito]**: um estudo de caso sobre o Google tradutor numa perspectiva colaborativa de aprendizagem. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Goiás. Anápolis, 2016.

RODRIGUES, C. **A tradução no ensino de línguas: vocabulário, gramática, pragmática ou consciência cultural?** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132011000100012. Acesso em 02 set. 2016.

ROMANELLI, S.. Traduzir ou não traduzir em sala de aula? Eis a questão. **Inventário - Revista dos Estudantes do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFBA**. Salvador, n. 05, 2006.

RUBIN, J. **Learner strategies: theoretical assumptions, research history and typology**. In WENDEN, A.; RUBIN, J. (eds). Language learning strategies. Oxford: OUP, 1987.

SANTOS, P.; ALVAREZ, M. L. O. (org.). **Língua e Cultura no contexto de português como língua estrangeira**. São Paulo: Pontes. 2010.

TARONE, E. Sociolinguistic Approaches to Second Language Acquisition Research. *The Modern Language Journal*, vol. 91, 1997.

WARSCHAUER, M. **The changing global economy and the future of English teaching**. *Tesol Quarterly*, Vol. 34, nº 3, Autumn, 2000.

WEINSTEIN, C. E.; MAYER, R. E. The teaching of learning strategies. In: Wittrock, M. C. (ed.). **Handbook of research on teaching**. 3. ed. New York: Macmillan, 1986.

Biografia dos autores

Maria Elizete Pereira dos Anjos é Mestre em Educação Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Especialista em Tecnologias na Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e Pós-Graduada em Orientação Educacional pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Graduou-se em Letras- Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás. É docente da UEG e ministra as disciplinas: Laboratório de Língua Inglesa e Estágio Supervisionado de Língua Inglesa. Orienta pesquisas na área de Linguística Aplicada ao Ensino e Aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, tradução, ensino/aprendizagem de língua estrangeira, TIC. Atuou como tutora presencial e à distância no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UnB na modalidade à distância. Atualmente é Diretora do Núcleo de Tecnologias Educacionais de Posse e Coordenadora do Programa de Ações Articuladas na Secretaria Municipal de Educação. Possui vários artigos publicados no Brasil e um na Europa.

Ariovaldo Lopes Pereira é doutor em Linguística Aplicada, área de concentração: ensino-aprendizagem de segunda língua e língua estrangeira (Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, 2007), mestre em Linguística Aplicada (Universidade de Brasília - UnB, 2000) e especialista em Língua Inglesa (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-MG) e em Metodologia do Ensino Superior (Universidade Estadual de Goiás - UEG). É graduado em Letras



Português/Inglês (Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão, atual Instituto Superior de Educação do Centro Universitário de Anápolis - UniEvangélica - Anápolis-GO). É Professor Adjunto da Universidade Estadual de Goiás (UEG), onde atua no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar (Mestrado) em Educação, Linguagem e Tecnologias. É Professor titular do Centro Universitário de Anápolis (UniEvangélica), onde atuou como Diretor dos cursos de Letras Português/Inglês e Letras Português/Espanhol. É Assessor de Planejamento Pedagógico da Pró-Reitoria Acadêmica do Centro Universitário de Anápolis. Possui experiência na área de Letras e Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino e aprendizagem de LE, formação de professores, estudos de gênero. Seus interesses de pesquisa incluem: materiais didáticos, análise de discurso crítica, diversidade e identidades de gênero, educação linguística crítica, letramentos críticos e tradução. É editor executivo da revista *Via Litterae* (ISSN: 2176-6800). É membro associado da ALAB - Associação de Linguística Aplicada do Brasil. Integra o Projeto Nacional de Letramentos: Linguagem, Cultura, Educação e Tecnologia, na Universidade de São Paulo (USP), coordenado pela professora Dra. Walkyria Maria Monte Mór. É aluno de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da Universidade de São Paulo (USP), sob supervisão da profa. Dra. Walkyria Maria Monte Mór.

Recebido em: 03/07/2017

Aceito em: 24/10/2017

Publicado em dezembro de 2017